

Fora do Palco, mas infelizmente muitas vezes precisando representar.

Sempre quis estar no palco, mas sempre procrastinou, e com isso pecou, um pecado doído e tangido na alma, para a eternidade, pois a arte esteve sempre e continua, borbulhando no sangue, que corre em seu corpo, acelerado, com pressa, antes que a eternidade chegue. não, não queria a cochia, queria o cara a cara, desnudada, de alma e boca aglomeradas de palavras, palavras essas que chegariam velozes à platéia, e diria tudo, vindo do profundo do ventre, chegando aos atentos ouvidos, e ainda com o eco do teatro lotado, em silêncio profundo, prontos para ouvirem, pois sabiam que no chão jogaria seu coração.

Agora sua estética ficou perdida, no caminhar dos anos sem querer e poder cuidar. Restou-lhe sua voz, forte e de boa dicção, mas que não lhe confere nem um ganho por isso. Não tem como dissocia-las, do corpo cansado e pesado, fartamente cheio de dores concretas, e as abstratas caminhando ao lado.

Ficou sómente no palco da realidade, onde desempenhou seus afazeres, com amor, mas sem muita bagagem para tal.

Quando o amor tocou seu coração, e seus olhos acenderam para o florir do peito, como primavera em abundância, entregou-se inteiramente, com sua juventude intacta e inocente, com o corpo alto e esbelto, com seu sorriso largo, gargalhando como se fosse uma festa em flores, que bailavam em seu peito bálsamo.

Sem pensar em nada se entregou, e dessa entrega profunda e amando, foi presenteada com dois seres lindos e saudáveis.

Não queria pensar, em uma pergunta que as vezes vinha em sua mente, não, não queria,

pois essa pergunta não combinava com o que vivia, mas pensou.

E se tudo um dia se acabar?

E um dia tudo se acabou.

Como tudo um dia finda, a alegria de outrora, a dança nos salões espaçosos, o amor em lugares tantos, com uma paixão quente e explosiva, mas tudo se acaba. E tudo findou.

Ainda assim, acabado o amor, passado alguns bons anos, o destino pregou -lhe uma peça, não no teatro, no palco como sempre quis estar, mas na alma, no coração, e como um golpe sem freio e desatinado, a vida carregou uma filha sua.

Não! não quis a cochia, mas sem a garra necessária, hoje corre os dedos acelerados no papel ou nos teclados, pois atrás das cortinas decerradas e desbotadas, lhe resta o gritar da alma em pranto, com letras desenhadas e fluindo, e a constante necessidade de escrever, para poder seguir o caminho que lhe coube, poia a procrastinação, lhe deixou com miutas indas e vindas, sem a paz e o pouso que pensou um dia, encontraria tempos antes de sua partida eterna.

Só lhe restou a cochia, pois o palco e a platéia, ficaram vazios e abandonados, depois de um longo tempo de espera, espera por ela, mas não conseguiu chegar.

Hoje, continua ainda com seu afazeres, sem muito talento, mas foi o que restou, pois deixou o tempo fugir entre os dedos, e a vida trouxe muitas dores e tristezas, e então faz da escrita, o palco para dançarem os dedos.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/fora-do-palco-mas-infelizmente-muitas-vezes-precisando-representar>